

Cristãos pagãos? Desafios atuais para abraçar a fé cristã

Marcelo Luiz Machado ¹

Resumo: Alguns especialistas em teologia pastoral tanto no âmbito católico como no protestante acordam que uma espécie de “cristianismo pagão” ganhou espaço nos últimos decênios, fruto da crise moderna pela qual passamos, chamada de pós-modernidade. O que interessa neste artigo é justamente um movimento às avessas de um cristianismo pagão vivido pelos antioquenos no século I da era cristã. Há muito se fala de uma reevangelização cristã e, por isso, este texto tem como objetivo buscar nas fontes magisteriais e teológicas as razões que demarcam a problemática da evangelização dos que já foram batizados, mas não devidamente evangelizados. A Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, suscitada pelos padres conciliares no último concílio ecumênico, continua como baluarte da fé para um caminho discipular. A busca por uma catequese mistagógica, como nos tempos apostólicos, continua a desafiar os cristãos do terceiro milênio e, nesse sentido, toca-nos encontrar caminhos de aproximação e de propor a fé desde o testemunho que enche o coração e faz arder os olhos dos que se encontram com o Senhor.

Palavras-chave: Evangelização, Iniciação cristã, Mistagogia

INTRODUÇÃO

A evangelização sempre foi muito cara à Igreja porque é fruto do mandato de Jesus aos discípulos, quando se observa o *ide e fazei discípulos*, batizando os convertidos e ensinando-os a perseverar na fé junto à comunidade cristã, como relata, por exemplo, o evangelista Mateus (cf. Mt 28,16-20).

Mas cada tempo exige de nós, discípulos missionários, ouvir a voz do Espírito que sopra sobre a Igreja, buscando caminhos seguros pra esse caminho evangelizador aconteça e frutifique. Há muito se fala sobre uma mudança de época, ou ainda um tempo de crise pela qual a humanidade passa neste início de milênio. Mas isto não é nenhuma novidade histórica, ainda que se torne inédito o fato de sermos os protagonistas da fragilidade que envolve o homem, a Igreja e o mundo hoje. Se a palavra grega *crisis* revela “tomada de decisão”, toca a nós buscar caminhos iluminadores para superar o que não está tão bem.

Por isso a proposta aqui é abrir uma fenda de discussão que precisa ser expandida dentro da práxis teológica: o da evangelização àqueles que já receberam os sacramentos. Parece até estranho sugerir a reflexão, já que parecia óbvio que, os iniciados sacramentalmente seriam também evangelizados. O que se constata há muito tempo é que sim, muitos batizados não foram devidamente evangelizados. Alguns documentos magisteriais e de cunho teológico-pastorais vão iluminar esta sementeira de uma evangelização no novo milênio que se inaugura.

¹ E-mail: malumacogito@hotmail.com

1 VENTOS QUE SOPRAM EM DIREÇÃO À BARCA

Marcos relata que *“começou a soprar uma ventania muito forte e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já começava a se encher”* (Mc 4, 37). E o que mais chama a atenção neste relato bíblico não é o cessar da tempestade feita por Jesus o que, em relatos cinematográficos renderia muito aos espectadores. Não! Jesus de Nazaré precisava ser conhecido antes de ser seguido. A dimensão querigmática nas primeiras comunidades foi essencial para que a evangelização acontecesse com eficácia. Nesta cena bíblica, o que vem à tona é a resposta que Jesus dá aos discípulos: *“Por que sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?”* (Mc 4,40b). Jesus, o Messias, inicia um grupo de homens que, chamados por Ele, buscam entender e viver as implicações desta convocação eclesial.

A fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus, ajuda a superar o medo das ondas e do vento impetuoso. E por fé entendemos como resposta e conversão: *“Deus intervém na morte e na ressurreição de Jesus, bem como no dom do Espírito, que opera em cada um dos crentes e nas comunidades eclesiais. Este acontecimento pede uma decisão, resposta total”* (GELABERT, 1988, p. 340-344). A fé em Cristo exige não só a mudança de vida, mas uma postura de crentes. Quando Jesus interroga os discípulos, na verdade está querendo dizer a eles: *“o que vocês estão fazendo aqui que ainda não aprenderam comigo? Estão realmente dispostos a me seguir?”*. Algo semelhante disse o próprio Cristo no caminho de Emaús: *“insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciavam”* (Lc 24,25). É fundamental que os discípulos creiam, para segui-lo; e crendo com tudo o que se desprende do processo iniciático da fé aos catecúmenos e neófitos inseridos na comunidade cristã.

O que se passa com os apóstolos na perícopé da comunidade marcana, também se passa com a nossa comunidade. Não basta estar com Jesus, é preciso ser discípulo com Ele. Papa Francisco, quando do I Congresso Internacional de Catequese, disse que assumir a missão de evangelizar como catequista, por exemplo, não é um *“trabalhar como”*, mas *“ser um”* (cf. FRANCISCO, 2013). Não se trabalha pra Deus, mas somos chamados por Ele a assumir nossa vocação!

A seguir, algumas pistas documentais serão apresentadas quanto à necessidade de evangelizar os batizados, ou aqueles que se encontram dentro das nossas comunidades e estão como os discípulos na barca... com medo e desorientados.

1.1 O CONCÍLIO SE TORNA REALIDADE EM MEDELLÍN

Há muito se diz que o Concílio Vaticano II (1962-1965) aconteceu para problematizar e responder somente as inquietações da Igreja europeia. De fato, o concílio viveu uma experiência significativa de reunir quase 3.000 bispos e peritos nas inúmeras sessões, congregando também as experiências culturais e religiosas dos cinco continentes. O papa Paulo VI chegou a dizer que o concílio não conseguiria responder a todos os temas propostos a ele, e que outros temas seriam discutidos após o encerramento do evento conciliar.

A América-Latina foi o primeiro grupo continental a fazer aterrizar as ideias do Vaticano II, naqueles idos de 1968 que se tornou emblemático. Paulo VI pessoalmente veio a Bogotá, na Colômbia, para encerrar o XXXIX Congresso Eucarístico Internacional e abrir os trabalhos da II Conferência Episcopal Latino-Americana. E este gesto foi repetido nas demais conferências: o sumo pontífice, como sucessor de Pedro e chefe da Igreja, em comunhão com os demais bispos, vive a comunhão da Igreja que caminha junto ao seu povo.

Do testemunho ouvido sobre este momento histórico, muitos diziam que as orientações pastorais emanadas do encontro de Medellín se espalharam rapidamente pelo continente latino-americano. O êxodo rural, o descompasso da urbanização e as ditaduras instituídas em vários países contribuíram para que a mensagem dos bispos tocasse os corações do povo cristão como um sinal de esperança e solidariedade com todo o gênero humano. O documento final, à luz do Vaticano II, foi publicado também com 16 documentos, compilados em três grandes áreas evangelizadoras: a promoção humana, a de evangelização e crescimento da fé e a da Igreja visível e suas estruturas. Era comum que, em encontros de pequenas comunidades, sempre se via alguém pra cima e pra baixo carregando o documento de Medellín para inúmeras reflexões.

No livro 6, sobre a *Pastoral das Massas*, encontramos a seguinte referência:

Encontram-se também grupos étnicos semipagãos; massas camponesas que conservam uma profunda religiosidade e massas de marginalizados com sentimentos religiosos, mas de pouca prática cristã. [...] Há um processo de transformação cultural e religiosa. A evangelização experimenta sérias dificuldades: explosão demográfica, às modificações socioculturais, à escassez de pessoal apostólico e à deficiente adaptação das estruturas eclesiais. Até agora a Igreja contou principalmente com uma pastoral conservadora, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase na evangelização – apta para uma época em que as estruturas sociais coincidiam com as estruturas religiosas. (MEDELLÍN, 1968, 6.1)

Aqui se faz necessário reafirmar a força profética deste encontro latino-americano:

a) já na década de 1960 se constatava o que se reproduz continuamente hoje: mesmo com muita religiosidade e piedade, em meio aos católicos há pouca prática cristã;

b) as dificuldades no campo da evangelização são atribuídas ao crescimento dos grandes centros urbanos, às novas experiências culturais de cunho revolucionário, à falta de agentes de pastoral e missionários nas comunidades e, com destaque, à deficiente adaptação das estruturas eclesiais;

c) Os bispos já afirmavam que o tempo da cristandade havia se passado e, com ele, ainda um sentimento saudosista que se agarrava muito mais à sacramentalização do que à

evangelização e que, por consequência, acabava por assumir uma pastoral conservadora contrária aos ventos da renovação proposta pelo Concílio Vaticano II.

Chamo a atenção para quando se fala dos grupos de “semi-pagãos”. De fato, a proposta da conferência de uma “re-evangelização” é mais do que compreensível quando nos esbarra-mos com fieis batizados que não seguem o que o Evangelho propõe através da Igreja. Como atesta Tertuliano, os pagãos quando viam os cristãos diziam: “vejam como eles se amam!”. A *martyria* como testemunho era vivida até as últimas consequências se preciso fosse, com a entrega da própria vida. Esse é o caminho traçado por Medellín que, à luz do concílio, vibrou este chão como um novo Pentecostes para a Igreja latino-americana.

1.2 O DERRADEIRO TESTEMUNHO DE PAULO VI

É unânime dizer que *Evangelii Nuntiandi*, publicada pelo papa Paulo VI em 1975, como resposta ao Sínodo dos Bispos sobre a evangelização no mundo contemporâneo, realizado no ano anterior, é a carta magna da evangelização no período pós-conciliar. Este documento é o testamento deixado pelo papa que, já idoso, deixaria um legado de resignação e fortaleza diante das turbulências no tempo do seu pontificado.

Neste primeiro decênio após o concílio, muitos se interrogavam se a Igreja havia seguido ou não o melhor caminho. A preocupação agora já não era somente o diálogo com o mundo moderno, mas como preparar a Igreja para o diálogo diante de mundo em transformação e carente do Evangelho da salvação. Para dizer “o que é evangelizar”, assim se expressou:

Pois bem: um semelhante testemunho constitui já proclamação silenciosa, mas muito valiosa e eficaz da Boa Nova. Nisso há já um gesto inicial de evangelização. Daí as perguntas que talvez sejam as primeiras que se põem muitos não-cristãos, quer se trate de pessoas às quais Cristo nunca tinha sido anunciado, ou de batizados não praticantes, ou de pessoas que vivem em cristandades mas segundo princípios que não são nada cristãos. Quer se trate, enfim, de pessoas em atitudes de procurar, não sem sofrimento, alguma coisa ou Alguém que elas adivinham, sem conseguir dar-lhe o verdadeiro nome. E outras perguntas surgirão, depois, mais profundas e mais de molde a ditar um compromisso, provocadas pelo testemunho aludido, que comporta presença, participação e solidariedade e que é um elemento essencial, geralmente o primeiro de todos, na evangelização. (PAULO VI, 1975, n. 21)

O processo catequético de inspiração catecumenal que hoje ainda buscamos implementar, já pedido desde o Vaticano II, encontra um planejamento pastoral completo nesta exortação. O papa retoma a dimensão do primeiro anúncio da fé com muita profundidade e espiritualidade quando une a proclamação verbal do Evangelho, o testemunho do discípulo e

as obras que acompanham a vida do crente. Torturados pelo medo e pela angústia, incerteza e mal-estar de nossa época, explicita quais são os elementos indispensáveis à evangelização, onde se vê claramente todo um programa evangelizador. São eles: 1. Renovação da humanidade – tarefa missionária e essencial da Igreja; 2. Testemunho cristão através de gestos e palavras; 3. Todo testemunho deve ser seguido necessariamente por um anúncio explícito da pessoa de Jesus; 4. Adesão do coração através da conversão; 5. Entrada na comunidade pela vivência sacramental; 6. Acolhida dos sinais pela participação no mistério de Cristo pela liturgia; 7. Iniciativas de apostolado, missão específica de cada discípulo.

Nesta exortação, Paulo VI chama a atenção do grupo dos “não-cristãos”: aqueles que ainda não conhecem a Cristo, os batizados não praticantes ou aqueles que são somente socialmente cristãos. Quando criança sempre ouvi dizer de uma categoria de católicos que existia, os chamados “católicos não-praticantes”. E todos acabavam vendo isso com naturalidade. Poderíamos facilmente ilustrar que o papa retiraria a catolicidade deste grupo, pela ausência da práxis cristã. Aqui neste grupo é explícita a ausência do testemunho cristão, que o papa qualifica como sendo de presença, participação e solidariedade. É esse o motor que impulsiona a evangelização, como aquele que se põe a semear a Boa Nova.

Diante de um mundo descristianizado, é possível sentir entender a urgência de novos meios para a evangelização que se abre com um novo ardor após o concílio:

Se é verdade que este primeiro anúncio se destina especialmente àqueles que nunca ouviram a Boa Nova de Jesus e às crianças, é verdade também que ele se demonstra cada dia mais necessário, e isto por causa das situações de descristianização frequentes nos nossos dias, igualmente para multidões de homens que receberam o batismo, mas vivem fora de toda a vida cristã, para as pessoas simples que, tendo embora uma certa fé, conhecem mal os fundamentos dessa mesma fé, para intelectuais que sentem a falta de um conhecimento de Jesus Cristo sob uma luz diversa da dos ensinamentos recebidos na sua infância, e para muitos outros ainda. (PAULO VI, 1975, n. 52)

1.3 UMA NOVA CATEQUESE PARA NOVOS TEMPOS

Um momento significativo para a Igreja aconteceu no intervalo de tempos com três papas: o Sínodo dos Bispos com o tema da catequese, em 1977. No ano seguinte, morre o papa Paulo VI que, sucedido João Paulo I, tem um pontificado de apenas 33 dias, sendo eleito João Paulo II, ainda no mesmo ano. Em 1979, é publicada a exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, um marco para a história da catequese, porque um papa jovem, de apenas 58 anos, escreve um texto que entrelaça com a proposta da evangelização de Paulo VI. A evangelização no mundo contemporâneo se concretiza visivelmente na pessoa do catequista: homens e mulheres leigos espalhados em todas as pequenas e grandes comunidades e que, voluntariamente, dedicam-se ao anúncio e instrução da Palavra de Deus.

Como uma das atividades primordiais da Igreja, a catequese é contemplada em diversas idades e situações. Como é descrito abaixo:

Quase catecúmenos

Dentre todos os adultos que têm necessidade de catequese, um solícito pensamento pastoral e missionário me vai agora para aqueles que, nascidos e educados em regiões ainda não cristianizadas, nunca puderam aprofundar a doutrina cristã, que as circunstâncias da vida alguma vez lhes permitiram encontrar; vai também para aqueles que na sua infância receberam uma catequese correspondente a tal idade, mas que em seguida se afastaram de toda a prática religiosa e se acham na idade madura com conhecimentos religiosos prevalentemente infantis; vai depois para aqueles que se ressentem de uma catequese precoce, mal orientada e mal assimilada; e vai por fim para aqueles que, embora nascidos em países cristãos, que o mesmo é dizer num ambiente sociologicamente cristão, nunca foram educados na sua fé e são, chegados à idade adulta, verdadeiros catecúmenos. (JOÃO PAULO II, 1979, n. 44)

São João Paulo II usa a expressão de “quase catecúmenos” para um grupo um pouco maior: dos que não puderam conhecer a Jesus por seu ambiente cultural, por aqueles que acabaram infantilizados na fé por terem se alimentado apenas da catequese sacramental, por outros que reclamam de falta de orientação espiritual depois da primeira infância, ou ainda àqueles que mesmo num ambiente cultural cristão, não foi educado para o mesmo. É sentida nas palavras do papa que essa situação deficitária recai menos sobre a condição cultural vigente e mais sobre a Igreja na sua forma de evangelizar. Não basta viver numa sociedade cristã, se ela não está convicta da sua missão de filhos Deus, irmãos de Jesus e plenificados pelo Espírito de Deus que nos coloca em pleno exercício dos dons e carismas recebidos d’Ele.

À luz das reflexões propostas pelo Sínodo sobre a catequese, o papa não hesita em iniciar a exortação dizendo que Jesus Cristo é essencialmente o centro da catequese. E devemos, a partir d’Ele, entender como percorrer todo o caminho de discipulado. É necessário “procurar compreender o significado dos gestos e das palavras de Cristo e dos sinais por Ele realizados, pois eles ocultam e revelam ao mesmo tempo o seu Mistério. [...] é fazer que alguém se ponha, não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo” (JOÃO PAULO II, 1979, n. 5).

1.4 APARECIDA: UM SINAL DE ESPERANÇA

A Igreja latino-americana vinha dando passos significativos no tocante à evangelização desde os idos de Medellín (1968), mais tarde em Puebla (1979) e, por fim, Santo Domingo (1992). Estava se criando um costume de, a cada decênio renovar os projetos e rever os

desafios que chegava à Igreja para nutrir o Evangelho juntos às centenas de milhares de comunidades espalhadas pelo continente.

Acontece que depois do ano jubilar, já se pensava em reunir os bispos novamente. Mas o papa João Paulo II, devido à idade, já não podia viajar e mostrava uma saúde bastante debilitada para se fazer presente no encontro do CELAM. Muitos bispos também estavam receosos de convocar um novo encontro depois de alguns desencontros que dificultaram o bom andamento da última conferência, em Santo Domingo. O clima não parecia favorável. Com a morte do papa e a eleição do cardeal Ratzinger, o que parecia estagnar a caminhada, fluiu com a leveza do Espírito, a ponto de o próprio papa sugerir que o encontro fosse realizado na casa da Mãe, no Santuário de Aparecida, em 2007. Discípulos e missionários de Jesus Cristo: este foi o grande lema que, como um estandarte, levou adiante a renovação eclesial dos povos da América Latina e do Caribe.

Nesta experiência única, os bispos refletiam sobre a Igreja e depois nutriam sua fé no Santuário Nacional de Aparecida, junto com o povo de Deus e milhares de devotos que acompanhavam presencialmente e através das redes sociais. Seguindo o clássico e produtivo método do ver, julgar e agir, assim se via o que se passava em nossa pastoral:

São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. [...] Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável. (APARECIDA, 2008, n. 286)

O documento final do encontro dos bispos em Aparecida levou ao slogan que até hoje se insiste em problematizar: são muitos os batizados e poucos os evangelizados. Muitas pessoas recebem os sacramentos, mas não perseveram na comunidade e o pior, podem ver a Igreja como um supermercado da fé, retornando somente quando deseja buscar algo para o seu bem espiritual pessoal, sem comprometimento com a comunidade. A expressão dos bispos de “identidade cristã fraca e vulnerável” é bastante precisa para o momento em que vivemos. Não é a toa que a próxima assembleia latino-americana que acontecerá não somente como episcopal, mas eclesial, com a participação direta dos fiéis leigos, irá retomar o documento de Aparecida que ainda não foi totalmente assimilado e propagado na América Latina.

A situação de muitos irmãos não devidamente evangelizados, mesmo com a catequese sacramental, revela um problema no eixo da engrenagem que hoje chamamos de iniciação à vida cristã que, além de proporcionar um encontro pessoal com Jesus, leva-nos a mergulhar no mistério salvífico, experimento nos sacramentos, na vida comunitária e no serviço aos homens e mulheres deste mundo. Em outra ocasião, o documento dá sinais do mal-estar da ação evangelizadora do novo milênio: a sobrevalorização da subjetividade individual, causada pela dissolução da pessoa integral em sua relação com Deus e o mundo; o individualismo e o imediatismo; o pragmatismo da ciência, do mercado e dos meios de comunicação de massa

em benefício próprios; e o surgimento de uma nova colonização cultural que valoriza antes as diversas tribos do que a comunidade local (cf. CELAM, 2008, n. 44).

Este é o cenário que se descortina para buscarmos caminhos seguros na vivência da fé pascal. Cada desafio apresentado é importante porque cria a consciência do comprometimento do discípulo para ser sal da terra e luz do mundo.

2 JANELAS QUE SE ABREM NO PROCESSO INICIÁTICO DA FÉ

Com referências bastante escassas, é sinalizado que no primeiro século da era cristã, em Antioquia, que havia um terreno propício para o chamado cristianismo pagão, uma corrente que adaptava o cristianismo ao substrato social, psicológico e religioso do mundo pagão. E, assim, vários elementos se mesclavam na compreensão de fé em Jesus Cristo, mesmo diante das perseguições do Império Romano.

O jesuíta colombiano Jesus Andrés Vela, sj, propõe uma obra de reevangelização VELA, 2014, p. 21), inspirada nos conselhos do documento de Medellín, quando reapresenta o primeiro anúncio do Evangelho aos batizados não-cristãos. Ao decorrer do texto, comparando os textos magisteriais, chamará estes destinatários do anúncio de “cristãos pagãos”, mas agora às avessas: se no começo do cristianismo, eram os pagãos que traziam elementos sociais para as comunidades cristãs, agora, há um novo movimento, o de levar alguns elementos cristãos para a sociedade com uma prática desconectada do que se foi recebido sacramentalmente.

Nossas comunidades cristãs se encontram cada vez mais numa situação de diáspora frente a um mundo crescentemente paganizado, mas com uma diferença significativa: nossos pagãos não provêm de uma religião estranha, mas que têm passado do cristianismo ao paganismo real ou, o que é pior, mantém o cristianismo como ponto de referência cultural, mas que tem perdido todo sentido de fé e de transcendência. (VELA, Jesus Andrés, 2014, p. 107.)

Já o catequeta belga Joseph Gevaert no clássico *El Primer Anuncio*, que ganhou parte traduzida ao português, aponta o perigo da fragmentação de diversos serviços da Igreja que tiram a sensibilidade eclesial de entender onde cabe a catequese, a animação bíblica e a pastoral, por exemplo. Falamos muito em projetos se amarram em “nós cegos” na práxis. Aqui o autor utiliza a expressão de “neopagãos”:

Corremos o risco sério de “não perceber concretamente que existem muitos jovens e adultos que, de fato, não são cristãos, não tem fé e não experimentam nenhuma conversão do coração. São efetivamente neopagãos e constituem uma situação missionária que nos desafia com métodos apropriados, diversos das lógicas da catequese doutrinal e da pastoral dos crentes. (GEVAERT, 2001, p. 37)

2.1 UM CONCÍLIO QUE RESGATA O PRIMEIRO ANÚNCIO

O Concílio Vaticano II não promulgou nenhum documento sobre o tema da catequese. No entanto, o espírito catequético é retomado em inúmeros textos, inclusive quando se fala de restaurar o catecumenato, com tempo e etapas próprios para aqueles que deseja, fazer parte da comunidade de fé. No decreto sobre a atividade missionária da Igreja se diz que o homem

arrancado ao pecado, é introduzido no mistério do amor de Deus; sob a ação da graça de Deus, o neoconvertido inicia o caminho espiritual pelo qual, pelo mistério da morte e ressurreição, passa do homem velho ao homem novo. Esta passagem traz consigo uma mudança progressiva de mentalidade e de costumes. (*Ad Gentes*, 2008, n. 13)

Mesmo com tantas luzes, o que ainda se vê na prática pastoral são muitas janelas “emperradas”: porque o grande problema hoje é a deficiência ou ausência de uma estrutura pastoral para o primeiro anúncio, que é diferente de catequese, no nível de doutrinação sacramental como estamos acostumados a fazer. Falamos muito de uma iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal que corre o risco de ser um verniz que dá um brilho na mesma peça que precisava ser restaurada.

Como já citado em outras ocasiões, o primeiro anúncio é gerado e experimentado dentro de uma dinâmica profunda por parte de quem o promove: exige o *testemunho* de vida do crente, exercita o *serviço* através de gestos concretos e promove o *anúncio* explícito da pessoa de Jesus. A complexidade para entender o processo é tamanha como quando se quer dizer, por exemplo, que fazer missão é entregar o panfleto com os horários de missas de porta a porta. É muito mais profundo e exigente. E aqui entra o papel indispensável do catequista, que articula não só a dimensão teológico-pastoral, bem como o acesso à dimensão mistagógica da iniciação à vida cristã.

Parafraseando a conferência de Aparecida, é válido dizer que temos muitos catequistas e poucos iniciados, pra dizer que ninguém consegue dar aquilo que não tem. É preciso fazer com que nossos agentes de pastoral, equipes e movimentos paroquiais busquem experimentar o doce sabor que a Igreja oferece no caminho de inspiração catecumenal para iniciar discípulos missionários.

2.2 SURPREENDIDOS PELO FRESCOR DO EVANGELHO

Nos últimos anos tem sido publicados textos excelentes sobre a evangelização em tempos de crise. Michael Gallagher, jesuíta irlandês, e que por anos trabalhou no Pontifício Conselho para a Cultura. Meditando a parábola do semeador (Mt 13,1-23), apresenta alguns ingredientes da formação da fé na cultura atual, que convergem no que ele denominou como o “triângulo dos três”².

2 GALLAGHER, Michael Paul. *El Evangelio en la cultura actual: un frescor que sorprende*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2014, p. 49.

O primeiro seria a janela da fé como disposição: é preciso propor uma “mistagogia pastoral”, onde a afetividade tem o seu espaço onde antes só havia a racionalidade no processo de iniciação cristã.

Significa convidar as pessoas à fé através de acessos diferentes do passado. Ainda que os sacramentos e o ensino doutrinal seguem sendo cruciais, já não o são na fronteira de uma pedagogia pastoral capaz de sair ao encontro da atual crise de fé. Para a nossa sensibilidade pós-moderna, o que falta é uma evangelização espiritual que libere o desejo e abra o caminho da oração e escuta da Palavra. Então a riqueza da vida sacramental da Igreja pode selar uma viagem mais lenta da disposição interior para a fé. (GALLAGER, 2014, p. 55-56)

Adiante, sugere a janela da fé como decisão. Esta mesma fé deve estar fundada em uma decisão pessoal, na tentativa de unir os conceitos de verdade e liberdade desde a dimensão da fé, o que desde a Ilustração foi-se desmantelando. Numa carta, os bispos de Basco, na Espanha, já situavam sobre um cristianismo paganizado:

Como devemos acercar-nos àquelas pessoas que tem ouvido falar de Cristo mas que o tem esquecido? Muitos são hoje vítimas de um estilo de vida superficial e ainda não conseguiram tomar verdadeiramente uma decisão real da fé. Sabiam algo acerca de Deus por terem ouvido falar d’Ele, não graças a uma experiência profunda de espiritualidade e oração. Esta situação nos convida a passar, de um cristianismo passivo e tradicional, a um cristianismo baseado na eleição. (GALLAGER, 2014, p. 61)

E, por fim, abre-se-nos a janela da diferença: propor a fé num mundo diferente do último século, porque o ser cristão convencido não requer tão somente uma decisão, mas exige enfrentar os valores dominantes que vão na contramão da mesma fé. É claro que o caminho mais rápido e seguro seria o da postura de defesa e condenação a tudo que contradiz a fé. Infelizmente, este caminho nos levaria novamente a uma postura negativista, por vezes, fundamentalista, o que o próprio Vaticano II nos ajudou a não somente superar, mas empreender o chamado discernimento cristão: compreender o que se passa na cultura, escutar nossos jovens, criticar e se posicionar diante daquilo que desumaniza, para que, a longo prazo, colher os frutos de paz e justiça no diálogo que é possível acontecer.

CONCLUSÃO

O novo Diretório de Catequese, publicado no ano de 2020, lança à mão a reflexão do papa Bento XVI na conclusão do Sínodo dos Bispos sobre a Nova Evangelização, ao dizer que diante dos batizados que não vivem as exigências do sacramento recebido, a Igreja precisa implementar um diálogo de simpatia e amizade. O papa emérito retoma aquilo que seu

predecessor já acenava em outro sínodo: recomeçar desde Cristo, porque Deus é Amor (1Jo 4,16).

E esse diálogo acontece quando a comunidade cristã vive uma dinâmica eclesial que proporcione, de fato, um diálogo, e não uma mesa de júri. Sabemos das limitações e muitas vezes do despreparo de secretárias paroquiais, agentes de pastoral, catequistas e ministros ordenados quanto à espiritualidade e vivência pastoral no acolhimento de pessoas que desejam conhecer mais a Cristo e a Igreja. Não é à toa que o mesmo diretório sinaliza que “a espiritualidade da nova evangelização se realiza hoje em uma conversão pastoral, por meio da qual a Igreja é provocada a se realizar em saída, segundo um dinamismo que atravessa toda a Revelação, e se coloca em um estado permanente de missão” (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO, 2020, n. 40).

É um impulso missionário que já vem sendo provocado há tempos na Igreja, mas que se esbarra nos inúmeros desafios apresentados neste ensaio. O que nos toca é perceber que existe um “cristianismo paganizado” que se trasveste de muitos nomes e adjetivos, embora traduzam um mesmo significado: precisamos rever a maneira como se tem oferecido os sacramentos, bem como o acompanhamento pastoral aos que os recebem. Aprofundar o tema da catequese mistagógica é mais do que urgente, porque é ela que nos faz ver com os olhos abertos, quando um discípulo disse ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

REFERÊNCIAS

CELAM. *Documentos do CELAM*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos*. São Paulo: Paulus, 2008.

FRANCISCO. *Discurso aos catequistas vindos a Roma em peregrinação por ocasião do Ano da Fé e do Congresso Internacional de Catequese*. 27 de novembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130927_pellegrinaggio-catechisti.html. Acesso em: 03 mar., 2021.

GALLAGER, Michael Paul. *El Evangelio en la cultura actual: un frescor que sorprende*. Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2014.

GELABERT, Martín. *Fé, Confiança*. IN: PIKASA, Xabier; SILANES, Nereo (dir.). *Dicionário Teológico O Deus Cristão*. São Paulo: Paulus, 1988.

GEVAERT, Joseph. *El primer anuncio: proponer el Evangelio a quién no conoce a Cristo*. Cantabria: Sal Terrae, 2004.

JOÃO PAULO II. *Catechesi Tradendae*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

PAULO VI. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

VELA, Jesús Andrés. *Reenvagelización: el primer anuncio del Evangelio a bautizados no cristianos*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2014.